



EDUCAÇÃO INTERCULTURAL BILINGUE: OS DESAFIOS LINGUISTICOS EM ESTUDANTES HISPANO-AMERICANOS NA UFPA ¹

Fernanda Costa da Silva
Graduanda em Letras-Língua Espanhola- UFPA
fernandacostam1@gmail.com
Débora Alfaia da Cunha
Prof^ª Dr^ª da Faculdade de Pedagogia-UFPA
alfaiadacunha@gmail.com

Resumo

O trabalho versa sobre os processos interculturais vividos por estudantes hispano-americanos da Universidade Federal do Pará, vinculados ao Programa de Alianças para a educação e a capacitação (PAEC). Como recorte de estudo foi selecionado o fator “linguístico”, pois a experiência linguística dos estudantes hispano-americanos na UFPA evidencia percalços e barreiras em seu processo de aprendizagem da língua portuguesa. Embora a língua espanhola e a portuguesa originem-se do mesmo tronco linguístico, o Latim, não deixam de ser línguas diferentes que possuem suas próprias regras e normas gramaticais, o que em um processo de ensino e aprendizagem, demanda tempo e prática para sua efetivação. Segundo os editais do PAEC (2012 a 2017), os cursos de língua portuguesa devem ser ofertados de acordo com a disponibilidade da universidade, não havendo garantias que este estudante tenha condições de acessar um curso de idioma que o capacite para o domínio culto/acadêmico da língua portuguesa. Os pressupostos teóricos do trabalho são FUENTES (2008), WALSH (2009), CANDAU (2008) e CARIMAN (2015). A pesquisa configura-se como um levantamento por questionário, com a participação de 32 discentes hispano-americanos da UFPA. Os resultados da pesquisa indicam a escrita em língua portuguesa como o grande desafio. 67% das respostas informam que escrever um texto acadêmico em língua portuguesa requer um domínio da língua culta padrão que muitos alunos que iniciam o intercâmbio não possuem. Com isto, indica-se que os programas da UFPA viabilizem cursos de língua portuguesa para estes estudantes e permitam o uso do espanhol nos trabalhos acadêmicos iniciais.

Palavras-chave: Educação intercultural. Educação bilingue. Estudantes hispano-americanos.

Introdução

O Brasil é considerado um país de dimensões continentais, tão continental que é curioso que se tenha somente uma língua oficial, a língua portuguesa. Uma consequência do processo de colonização que paulatinamente exterminou a diversidade linguística dos povos pré-cabralinos.

Especificamente na Amazônia, tem-se mais de 200 línguas indígenas, porém, o que se vê são falantes de tais línguas morrendo com suas línguas. Neste cenário, os domínios linguísticos por parte dos falantes brasileiros em relação às línguas nativas indígenas são quase nulos.

¹ Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa GEPINTE (Grupo de estudo e Pesquisa em Interculturalidade e educação), coordenado pela Prof^ª Dr^ª Débora Alfaia da Cunha. UFPA-Castanhal.



Nas escolas e universidades esses indígenas precisam ter o domínio da língua portuguesa, seja para suas relações acadêmicas, seja para suas relações interpessoais. Eles é quem são “obrigados” a aprender o português. Apesar de ultrapassar, em muito, o objetivo deste trabalho, as línguas e dialetos indígenas evidenciam o difícil percalço para inclusão linguística de outros idiomas na escola brasileira.

Contudo, urge pensar uma escola e uma universidade que abrigue e respeite as diferentes origens linguísticas que chegam as instituições educacionais, por diferentes meios, entre os quais as imigrações, permanentes ou temporárias.

É para essa escola inclusiva, tão demandada em um mundo globalizado, que se voltam os estudos em interculturalidade.

As investigações da interculturalidade na educação surgiram paralelamente nas Américas e na Europa no início do século XX (CARIMAN, 2015). Entretanto, na América Latina seus estudos voltaram-se para a diversidade linguística, cultural e política dos povos indígenas, enquanto na Europa e Estados Unidos a concentração se fixou na educação de crianças e jovens imigrantes. Em todo caso, o repensar da cultura escolar, seus discursos e línguas dominantes foram o foco dos estudos. Pensar uma escola aberta ao “outro”, a diferença e ao dialogo intercultural.

Seguindo essa concepção teórica, o presente trabalho contempla jovens e adultos hispano-americanos que estudam nos programas de pós-graduação da UFPA. A pesquisa volta-se para uma análise intercultural bilingue, destacando o processo de aprendizagem destes estudantes em relação a língua portuguesa, bem como enfatizando a proposta de introduzir a língua espanhola como uso em trabalhos acadêmicos dos programas. Esta iniciativa inclusiva, permitiria não somente ao público hispanofalante o uso da língua espanhola, mas também beneficiaria os estudantes brasileiros com a oportunidade de conviver e utilizar outro código linguístico em sua carreira acadêmica.

Metodologicamente, o estudo se configura como um levantamento por questionário aplicado para 63 estudantes hispano-americanos com matriculas ativas em cursos de pós-graduação da UFPA, conforme lista disponibilizada pela Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Destes, 32 questionários foram respondidos por estudantes de diferentes cursos de pós-graduação da UFPA. Alunos de países como México, Panamá, Honduras, Chile, Costa Rica, Haiti, Venezuela, Bolívia, Colômbia, Peru, Equador, Argentina, Nicarágua e El Salvador integram a amostra que inclui 4 doutorandos e 28 mestrados. 16 homens e 16 mulheres. Todos imigrantes temporários. Além disso, a amostra contempla distintos programas e diferentes experiências interculturais.



A interculturalidade como construto teórico e político

A autora e teórica Geraldine Cariman da Universidad Mayor da Colômbia, traça estudos sobre a relação da interculturalidade com a educação bilingue, voltados à educação indígena e imigrante nos países latino-americanos e o Caribe. A autora reforça os códigos linguísticos como identidades e legados que precisam ser valorizados e concede estratégias para desfazer conflitos que envolvem a diversidade linguística. A autora defende a seguinte assertiva:

El enfoque que sustenta la Educación Intercultural Bilingüe apoya e impulsa los procesos de transformación social y política, en tanto instala la valoración y apropiación de legados culturales y simbólicos que aporta a la conformación de sociedad, la población indígena. Este proyecto asume la construcción de ciudadanía, en pos de concebir estrategias para abordar los conflictos y oportunidades que supone la diversidad. (CARIMAN, p. 3. 2015)

Além da questão da valorização da língua como um patrimônio, a autora reforça um projeto de construção de cidadania, o que a leva a observar que não é somente fazer com que a aprendizagem de uma língua estrangeira seja apenas uma ferramenta nos currículos pedagógicos, porém que essa relação, aprendizagem e convívio de línguas, contribua para formação de cidadãos. Cidadãos capazes de conviver com a diversidade em suas múltiplas faces, linguística, cultural, política, social e ideológica. Conceber estratégias que possam abordar conflitos, resistências e preconceitos em relação ao diferente, a relação bilingue é um passo para a convivência da diversidade e a experimentação pluricultural.

Apresentação e análise dos dados

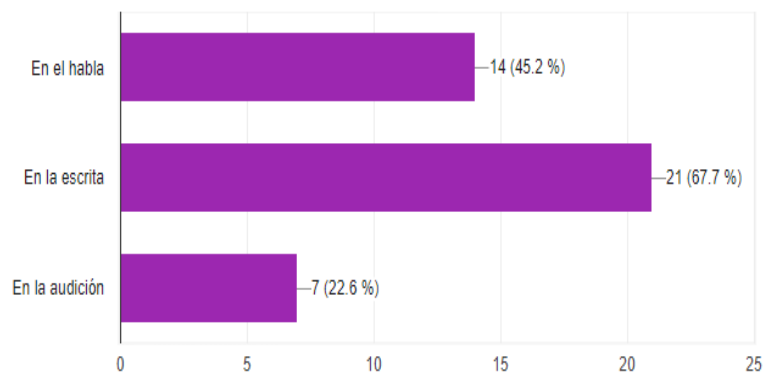
Conforme a coleta de dados por questionário, a dificuldade linguística dos estudantes hispano-americanos ao aprender a língua portuguesa, está na competência escrita. 67,7% dos entrevistados afirmaram ter dificuldades sobre escrever em língua portuguesa, mais especificamente, escrever artigos acadêmicos e produzir suas teses e dissertações em português.

Como o domínio do idioma português não é uma exigência para a candidatura ao PAEC, os alunos acreditavam, apesar do edital deixar claro que o curso seria em língua portuguesa, que teriam um tempo inicial para se prepararem para avaliações em língua portuguesa. Por isso, a exigência de artigos e provas dissertativas em língua portuguesa, bem como a apresentação de seminários desde o primeiro semestre do curso, geram muitas críticas neste grupo de alunos.



O gráfico a seguir apresenta as habilidades para a competência comunicativa para o aprendizado de uma língua estrangeira, bem como a dificuldade indicada pelos alunos de língua espanhola para o domínio do idioma português:

Gráfico 1. Dificuldades na aprendizagem do idioma português entre alunos de pós-graduação do PAEC/UFPA.



Fonte: pesquisa de campo, 2017

Como demonstra o gráfico, as dificuldades linguísticas dos alunos pesquisados estão mais concentradas na escrita. Contudo, há também 45,2% das respostas indicando dificuldades em falar o idioma e 22,6% em compreender o que está ouvindo.

Tais dificuldades evidenciam que sem um curso apropriado para este público da pós-graduação, o domínio mínimo destas três habilidades fica comprometido.

É importante explicar que todos os alunos da amostra indicaram se esforçar para driblar as dificuldades linguísticas e aproveitar ao máximo a experiência internacional. Várias estratégias para o domínio do idioma português são utilizadas, em especial fazer o curso de português para estrangeiros, realizado por 20 alunos pesquisados, bem como ver filmes e ouvir músicas brasileiras. Além disso, a maioria (81%) busca fazer amizades com os alunos brasileiros, na tentativa de melhorar o ouvir e o falar em língua portuguesa, bem como para diminuir a solidão da experiência de intercâmbio. Entretanto, todos esses esforços levam tempo para surtir efeitos na produção dos trabalhos avaliativos, o que se torna o domínio da nova língua um elemento de muita preocupação.

Como observa-se a questão não está na oferta de um curso instrumental da língua portuguesa, pois este modelo baseia-se somente na competência leitora/interpretativa de um texto. O que estes alunos necessitam é uma proposta centrada em suas demandas linguísticas. Um curso modular extensivo para estudantes estrangeiros que permita aperfeiçoar suas habilidades e



competências na língua portuguesa. Uma educação de qualidade e completa, que contemple as diversas características da língua, elementos gramaticais e elementos socioculturais.

Tal proposta corrobora a sugestão de alunos ouvidos na pesquisa, quando perguntados sobre como o curso de pós-graduação poderia melhorar a receptividade com os alunos de língua espanhola.

Conclusão

Este trabalho buscou identificar as barreiras linguísticas que estudantes hispano-americanos de pós-graduação da UFPA enfrentam em sua experiência acadêmica no Brasil. Os dados evidenciaram que lidar com a fala, escrita, leitura e compreensão auditiva de uma língua estrangeira, obedecendo as normas da língua culta padrão, é um desafio árduo para quem tem diversas outras obrigações iniciais em um curso de pós-graduação. Por isso, indica-se a necessidade de cursos extensivos para estudantes estrangeiros de língua portuguesa que superem a forma instrumental, propiciando uma formação capaz de alcançar as dificuldades linguísticas desde alunos. Por fim, sugere-se a oficialização da língua espanhola como opção nos cursos de pós-graduação, o que salientaria uma educação bilíngue, salutar não somente para a formação do aluno imigrante de língua espanhola, mas também para os brasileiros, por propiciar uma formação humana, diversificada e inclusiva.

Referências

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: As tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação* v. 13 n. 37 jan./abr.2008. Acesso em: 09 de abril de 2017.

CARIMAN. Abarca Geraldine. Educación Intercultural Bilingüe: Educación y Diversidad. *Apuntes. Educación y Desarrollo Post- N° 9. 2015. Disponível em:*
<<http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Santiago/.../APUNTE09-ESP.pdf>>. Acesso em: 08 de mar 2017.

FUENTES, Riedemann Andrea. La Educación Intercultural Bilingüe en Chile: ¿ampliación de oportunidades para alumnos indígenas?. *Indiana* 25 (2008), 169-193. Disponível em:
<http://www.iai.spkberlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/Indiana/Indiana_25/Indiana_25_169-193_Riedemann.pdf>. Acesso em: 12 de mar 2017.

WALSH, Catherine. La educación intercultural en la educación. Peru: Ministerio de Educación, 2001. Mimeografado. Acesso em: 07 de abril de 2017.